

JORNAL DO BRASIL *Leitor P. Residencial* Convite à radicalização

Ricardo Noblat

Diga-se dos donos reais do poder no país o que se quiser — menos que são incompetentes e, politicamente, primários. Não são. A História prova que não são. Mesmo quando estiveram, episodicamente, divididos, souberam conciliar no momento seguinte, preservando seus privilégios e cedendo pouca coisa. A eleição do sucessor do presidente João Figueiredo poderia ter significado uma ruptura com o regime que emitia sinais de esgotamento.

Deu-se um jeito para que não fosse assim. A emenda das “diretas, já”, foi arquivada pelo Congresso. Providenciou-se a eleição da dupla Tancredo Neves-José Sarney para dar continuidade ao regime por outros meios. Por meio do restabelecimento da democracia formal mas limitada, capaz de devolver a liberdade sufocada durante 25 anos, mas indisposta para mexer nas perversas estruturas sociais do país.

A eleição presidencial que ocorrerá daqui a dez dias não garante, por si só, a realização dos ideais de mudanças acalentados nos últimos 30 anos por mais de uma geração — pela geração daqueles que votaram em Jânio Quadros e por essa outra geração, a nossa, silenciada, presa e torturada enquanto durou o autoritarismo inaugurado em 1964. Mas ela poderia propiciar, pelo menos, a revitalização de ideais que têm permanência.

O presidente José Sarney, que em 1984 se empenhou para sepultar a emenda das “diretas, já”, oferece, agora, sua contribuição para frustrar o que parecia possível. O patrocínio que confere, por mais que negue, ao lançamento da candidatura do empresário Sílvio Santos, não é só um movimento esperto e oportunista de um político matreiro que quer conservar o poder político em seu estado. Não é não. Não é apenas isso.

É um golpe de mão, que dispensa o Urutu mas que aproveita uma brecha na legislação, para deformar o sentido do pronunciamento eleitoral de 15 de novembro, desmoralizar o processo político que deu ensejo a



ele, e aprofundar a desconfiança dos cidadãos nas instituições e no próprio modelo democrático de regime.

Do início da distensão política para cá, sempre que se está no limiar de eleições, parciais ou não, diz-se que o povo está alheio e que alheio se manterá. Diz-se que os programas políticos no rádio e na televisão estão destinados a alcançar baixos níveis de audiência, que os debates entre os candidatos não acrescentarão coisa alguma, e que os candidatos, quase todos eles, não têm idéias nem condições para formulá-las.

Bobagem, escamoteação, elitismo desvairado. A proposta das “diretas, já”, em 1984, capturou a imaginação popular, que acreditou na possibilidade de mudanças e no sonho de escrever a História. A campanha das “diretas, já” foi a maior manifestação de massas que sacudiu o país até hoje. Por ocasião do Plano Cruzado, o povo foi às ruas e provou, mas uma vez, que acredita e deseja alterar, fundamente, tudo que aí está.

Pobre povo, povo pobre. Pobre país tão rico. Os comícios da atual campanha eleitoral atestam, à exaustão, que o povo, uma vez mais, imagina que ainda vale a pena apostar no sonho das mudanças, apesar da miséria em que vive ou, justamente, por causa dela. O golpe da candidatura inventada de última hora, que para dar certo investe na ignorância do povo que continuará, depois, marginalizado, convida à renúncia à esperança.

Anima, alguns, a desertarem da luta e a muitos a se renderem à tentação do radicalismo. Os candidatos Collor de Melo e Sílvio Santos são faces de uma mesma moeda e representam os mesmos interesses. Há, contudo, uma diferença importante entre eles: o primeiro se credenciou a participar da sucessão. Submeteu-se às regras do jogo. Foi à luta e se ofereceu à crítica, à contestação, à comparação com os demais candidatos. O segundo, não.

Com a ajuda de Sarney, tenta arrombar a porta da sucessão com um pé-de-cabra. A história confirma que os acontecimentos políticos, entre nós, têm sido representações de escasso valor onde o povo só comparece como mero figurante. Esse será o verdadeiro significado da eleição que está tão próxima se a Justiça Eleitoral não encontrar um meio para abortar o golpe em curso.